



DAS DORES À LOUCURA, DA LOUCURA À RESISTÊNCIA

FROM PAIN TO MADNESS, FROM MADNESS TO RESISTANCE

DEL DOLOR A LA LOCURA, DE LA LOCURA A LA RESISTENCIA

Érica Luciana de Souza Silva

Instituto Federal Fluminense

ericavascoprof@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3668-6871>

DOI

10.35520/mulemba.2025.v17n33e68899

Recebido: 30 jun. 2025

Aprovado: 1 nov. 2025



A Mulemba adota a licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

RESUMO

O trabalho que se segue traz uma análise do episódio da louca do rio que está na obra *O alegre canto da perdiz* (2008), da moçambicana Paulina Chiziane. O objetivo principal do texto é perceber, por meio do episódio citado, as violências colonial e de gênero que incidem sobre a mulher negra de Moçambique. Para tanto, a análise do episódio incide sobre a imagem de três mulheres: Maria das Dores, sua mãe Delfina e a portuguesa, mulher do Soares. A louca do rio, Maria das Dores, invade a margem do rio Licungo que era exclusiva dos homens. Ela afronta a todos com sua nudez e seu sorriso. Não se deixa afetar pelas ameaças que a rondam. Por sua ousadia, é tomada como louca. Delfina é a negra que sonha em ser branca e viver no mundo dos brancos. Para isso, não hesita em violentar a filha Maria das Dores. A mulher de Soares não possui nome próprio definido. Ela representa a visão machista e patriarcal do homem português e a posição da mulher europeia nesse cenário social. As análises foram respaldadas em Ana Mafalda Leite que aponta a oralidade nos textos de Chiziane como forma de manutenção da cultura e de valores tradicionais de Moçambique; a entrevista de Paulina Chiziane concedida à Rosália Diogo na qual a autora fala da prática do lobolo. Ainda, destaca-se na análise a definição de loucura por Michel Foucault como resultado das relações sociais e de poder que incluem e excluem os que não se adequam às regras estabelecidas, a definição de violências simbólicas desenvolvidas por Pierre Bourdieu; a reflexão sobre feminismo decolonial, por Heloísa Buarque de Hollanda e as relações entre racismo e gênero discutidas por Lélia Gonzalez. Ao final do texto, conclui-se que, mesmo engendradas e gestadas por uma sucessão de violências, especialmente, a violência colonial e a violência de gênero, a mulher moçambicana segue resistindo e renovando valores e tradições culturais.

Palavras-chave: violências, mulheres, tradição, renovação, resistência.

ABSTRACT

The present study brings an analysis of the episode of the crazy woman from the river, which is in the novel The Joyful Song of the Partridge, by Mozambican author Paulina Chiziane. The main goal of the text is to notice, by means of the cited episode, both gender and colonial violence which affect black women in Mozambique. To this end, the analysis of the episode focuses on the image of three women: Maria das Dores, her mother Delfina and the Portuguese woman, Soares's wife. The crazy woman from the river, Maria das Dores, invades the bank of river Licungo, which was exclusive to men. She defies everyone with her nudity and smile, not letting herself be affected by the threats that surround her. Because of her boldness, she is regarded as mad. Delfina is a black woman who dreams of being White and living in the White world. To achieve this, she doesn't hesitate to rape her daughter, Maria das Dores. Soares's wife doesn't have a defined name. She represents the sexist and patriarchal vision of Portuguese men and the position of European women in this social scenario. The analyses were backed by Ana Mafalda Leite, who points out the orality in Chiziane's texts as a means of preserving the culture and traditional values of Mozambique; Paulina Chiziane's interview, given to



Rosália Diogo, in which the author talks about the practice of the bride price (lobolo). And also, the definition of madness, according to Michel Foucault, is highlighted in the analysis as a result of the social and power relations that include and exclude those who do not adjust to the established rules and the definition of symbolical violence developed by Pierre Bourdieu, the reflection on decolonial feminism, by Heloísa Buarque de Hollanda, and the relations between racism and gender discussed by Lélia Gonzalez. By the end of the text, it is concluded that, even engendered and gestated by a sequence of kinds of violence, mainly the colonial and gender violence, the Mozambican woman keeps on resisting and renewing cultural values and tradition.

Keywords: *violence, women, tradition, renewal, resistance.*

RESUMEN

El presente trabajo es un análisis del episodio de la loca del río, que se encuentra en la obra O alegre canto da perdiz (2008), de la mozambiqueña Paulina Chiziane. El objetivo central del texto es comprender, por medio del episodio mencionado, la violencia colonial y de género que afecta a las mujeres negras en Mozambique. Para ello, el análisis del episodio se centra en la imagen de tres mujeres: Maria das Dore, su madre Delfina y la portuguesa, esposa de Soares. La loca del río, Maria das Dores, invade las orillas del río Licungo, que era exclusivo de los hombres. Ella confronta a todos con su desnudez y su sonrisa. Ella no se deja afectar por las amenazas que la rodean. Debido a su audacia, es tomada como loca. Delfina es una mujer negra que sueña con ser blanca y vivir en el mundo blanco. Para lograrlo, no duda en violar a su hija, Maria das Dores. La esposa de Soares no tiene un nombre definido. Representa la visión sexista y patriarcal del hombre portugués y la posición de la mujer europea en este escenario social. Los estudios fueron apoyados por Ana Mafalda Leite, quien señala la oralidad en los textos de Chiziane como una forma de mantener la cultura y los valores tradicionales de Mozambique; por la entrevista que Paulina Chiziane le dio a Rosália Diogo, en la que la autora habla sobre la práctica del lobolo. Además, el análisis destaca la definición de locura de Michel Foucault como resultado de las relaciones sociales y de poder que incluyen y excluyen a quienes no se ajustan a las normas establecidas, así como la definición de violencia simbólica de Pierre Bourdieu la reflexión sobre el feminismo decolonial, de Heloísa Buarque de Hollanda y las relaciones entre racismo y género discutidas por Lélia Gonzalez. Al final del texto, se concluye que, a pesar de haber sido engendradas y gestadas por una sucesión de violencia, especialmente la violencia colonial y la violencia de género, las mujeres mozambiqueñas continúan resistiendo y renovando sus valores y tradiciones culturales.

Palabras-clave: *violencia, mujeres, tradición, renovación, resistencia.*



Em partes do continente africano, a intensa presença do colonizador desmantelou os governos matriarcais para, concomitantemente, impor e reforçar as concepções patriarcais. O resultado desse processo em algumas regiões, como por exemplo, o sul de Moçambique, foi uma sociedade muito estratificada. De acordo com a lógica colonial, a mulher negra ocupa a posição mais inferior na hierarquia moçambicana e, com isso, torna-se vítima de tratamentos violentos e exploração, tanto de seu corpo como de seu trabalho.

Tais afirmativas direcionam a argumentação para a seguinte citação que abre o romance *O alegre canto da perdiz*, da autora moçambicana Paulina Chiziane:

Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens.
[...]
Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra (Chiziane, 2008, p. 5).

A mulher nua nas margens proibida se chama Maria das Dores e carrega em seu nome as dores de todas as mulheres. Ela teve a coragem de invadir o espaço a ela negado, logo, é louca. Foucault, em *História da loucura* (2019), aponta que a condição de loucura é definida pelas relações de poder e pelas práticas sociais que excluem ou incluem um indivíduo em um determinado grupo social. Maria das Dores, a louca do rio, infringe uma regra social: entrar nua na margem do rio Licungo exclusiva aos homens. O *status* de loucura poderia, então, ser o ponto inicial de mudança de um dado panorama social.

A presença da louca nua causa um furor entre as mulheres daquela comunidade. O que parece ser um paradoxo – mulheres contrárias à presença da mulher nua - na verdade, representa a concretização do ideal colonialista, que utiliza a cultura, a ciência, a religião e a filantropia ocidentais para apregoar suas verdades como absolutas. Sartre, em texto que prefacia o livro *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon (2005), faz o seguinte apontamento que respalda o argumento de que os colonizadores tomavam seus valores como verdades absolutas:

[...] ela (a violência colonial) procura desumanizá-los (aos colonos). Nada será poupado para liquidar suas tradições, para substituir suas línguas pelas nossas, para destruir sua cultura sem dar-lhes a nossa; nós os transformaremos em brutos pela fadiga (p. 31-32).

Na cena envolvendo a louca do rio descrita acima, a atitude das demais mulheres é a constatação da real dominação que transcende as leis econômicas e políticas do local e, por imposição, mantém e legitima a prática e a estrutura colonial.



Nesse sentido, pode-se afirmar que o fenômeno observado entre as mulheres que circundam Maria das Dores e querem o seu fim, reflete a reprodução social já analisada por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1992) em *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*.

De acordo com Bourdieu e Passeron, todo poder que impõe significações gera uma violência simbólica ao manipular as relações de força que estão na base de determinada construção social. Assim, ele impõe sua própria força simbólica às relações sociais envolvidas no processo de dominação, legitimando e outorgando o contexto de significações, de acordo com os interesses da classe que o detém.

Esta força de manipulação e legitimação é construída por meio de instrumentos, como o próprio meio social, a religião e a escola. Daí se compreende o interesse dos países imperialistas em estabelecerem a religião, implantarem escolas e empreender todo um sistema jurídico, comercial e burocrático em suas colônias.

Bourdieu e Passeron afirmam que no processo de legitimação das imposições, são exercidas as ações pedagógicas (AP)¹ para apreensão dessas imposições. A AP dominante emanada das formações sociais e de suas classes constitutivas exerce força através de seu modo de imposição, além de delimitar fronteiras socioculturais. Essas relações compreendem a definição e distinção entre o que é moral, amoral, imoral; certo e errado; bom e ruim; bem e mal; sempre correspondendo e atendendo aos interesses dos grupos dominantes.

A violência simbólica se dará quando a AP contribuir na imposição de significações que favorecem o grupo dominante em relação às demais classes. No episódio da louca do rio, criado por Chiziane e citado acima, abre-se o questionamento: quem demarcou aquela margem ocupada pela mulher nua como exclusiva dos homens? Quem ou o que definiu a nudez da mulher como uma atitude imoral?

Entretanto, há que se pensar sobre tais colocações. A seleção de significações que define a cultura de um grupo é sociologicamente necessária. Sua constituição depende das relações de coerência estabelecidas na e pela comunidade e, portanto, não devem ser ignoradas, excluídas ou destruídas. Elas são passíveis de transformações com o intuito de possibilitar uma relação harmoniosa entre as classes e os gêneros, além de condições socioeconômicas mais isonômicas.

Chiziane, por meio de seus textos, não pretende romper com a cultura e com os valores tradicionais, mas deseja transformá-los, para que os demais segmentos em minoria social, principalmente a mulher, possam adquirir melhores condições de vida e representação.

1 No contexto deste trabalho, ações pedagógicas serão compreendidas como todas aquelas ações cuja finalidade é contribuir para a efetivação de imposições sociais, entre elas os valores dados de uma determinada sociedade.

Ideias e concepções são reformuladas, relidas, algumas modernizadas para se manterem vivas e em comunicação com a comunidade que as abriga. A modernização do lobolo pode ser destacada como um dos exemplos ilustrativos para esta discussão.²

Relendo o episódio sobre a louca do rio em *O alegre canto da perdiz* (2008) sob a luz de *A reprodução*, vê-se que as relações sociais preponderantes naquele contexto são regidas pela lógica patriarcal, que reproduz a estrutura das relações de força. As classes constitutivas de uma formação social específica estão na base do poder arbitrário. Sobre elas ocorre a imposição e a inculcação (termos utilizados por Bourdieu) de um arbitrário cultural, segundo um modelo majoritário imposto pela classe dominante e que é corroborado por Glissant (2005, p. 27): “uma concepção sublime e mortal que os povos da Europa e as culturas ocidentais veicularam no mundo; ou seja, toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro”.

Em *O alegre canto da perdiz* (2008), a classe dominante, no instante em que Maria das Dores se apresenta nua na margem do rio Licungo, é regida por preceitos masculinos, entre os quais prevalece o patriarcalismo salientado e estimulado pelo colonialismo. Para eles, tratar a mulher como ser inferior não soa como violência, já que o mesmo processo é constante em todos os segmentos sociais, além de ser apenas uma replicação das ações violentas que os colonizados recebiam dos colonos ocidentais.

A imposição e inculcação das regras legitimadas que delineiam as práticas patriarcais foram apreendidas como naturais e factuais. Logo, são tomadas pela comunidade que esteve em contato com tal processo como algo legítimo. Por isso, as mulheres que assistem à aparição de Maria das Dores a tomam como uma ameaça que deve ser extirpada, “Os corações se dilatam de piedade. De medo. Há mensagens de perigo escondidas nas linhas nuas do corpo” (Chiziane, 2008, p. 7).

Maria das Dores, aquela que traz as dores de várias realidades femininas, com suas atitudes, abre espaço para reverberar as várias vozes femininas na busca de igualdades sociais e fim da violência contra a mulher. Ela carrega em seu corpo e em seu conjunto polifônico os questionamentos referentes à situação feminina em uma sociedade antes matriarcal e agora patriarcal. Nas atitudes de a louca do rio pode-se observar o denominado feminismo decolonial³ em Hollanda (2020) que denuncia as questões referentes ao

2 Atualmente a prática do lobolo, para não ser extinta, vem se modernizando e se adequando às novas conjunturas sociais. Tais informações estão presentes no texto de Paulo Granjo, “O lobolo do meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivência conjugais”, publicado na revista *Travessias*, em 2004.

3 Destaca-se que Paulina Chiziane rejeita a denominação de feminista por compreender que os valores defendidos pelas mulheres africanas são distintos daqueles defendidos pelas mulheres ocidentais. A denominação utilizada neste trabalho é de responsabilidade da autora do artigo.

gênero como elemento que estrutura os ideais colonizadores: “O feminismo decolonial denuncia a imbricação estrutural das noções de heteronormatividade, classificação racial e sistema capitalista” (Hollanda, 2020, p. 17)

Ainda de acordo com Bourdieu e Passeron, o poder simbólico não consegue se estabelecer unicamente pela imposição da força. As ações que incidem sobre este poder só terão efeito se exercidas em uma relação de comunicação, que é eficaz quando o emissor consegue fazer-se compreendido pelo receptor.

Maria das Dores, considerada como a louca do rio por enxergar além do que a classe dominante determina que seja visto, utiliza várias estratégias comunicativas para interagir com as demais pessoas. Entre elas, destacam-se sua ousadia em entrar na margem exclusiva dos homens, sua nudez, seu olhar, sua comunhão com a água e a lama, unindo os três elementos em um – mulher, água, terra – e, por fim, suas palavras.

Uma sucessão de elementos comunicativos imbuídos com o poder de transformar a realidade ali legitimada. A diferença de Maria das Dores e da sociedade colonial é que esta impõe seus valores como absolutos, enquanto aquela convence por meio da comunicação, sem os embates físicos agressivos.

Ainda sobre o episódio da louca do rio, uma segunda linha interpretativa pode ser lida partindo da citação a seguir, retirada do texto *Cultura e imperialismo* de Edward Said:

A independência era coisa de branco e europeus; os povos subjugados ou inferiores eram para ser dominados: a ciência, a erudição, a história vinham do Ocidente.

[...]

Os ocidentais podem ter saído fisicamente de suas antigas colônias na África e na Ásia, mas as conservaram não apenas como mercados, mas também como pontos no mapa ideológico onde continuam a exercer domínio moral e intelectual (Said, 2011, p. 64-65).

Os projetos imperialistas estão arraigados no cerne patriarcal africano. A mulher nua, com seu silêncio agride mais que um discurso inflamado, pois sua atitude remonta à resistência feminina em meio a uma sociedade patriarcal de cunho colonialista. Ela reverte a lógica colonial de apropriação de território e dominação.

Ao homem negro é dado domínio sobre o corpo da mulher negra, assim como ao português é dado o controle sobre o território africano. Portanto, o colonizador dominar o corpo negro feminino, além de se transfigurar em uma atitude benevolente de purificação e branqueamento da raça negra, torna-se também a estratégia de humilhação e subordinação do homem negro dominado.



O homem branco, em uma clara afronta ao colonizado, se apropria da mulher negra como forma de confirmar seu domínio e superioridade tanto na terra, quanto no meio social. O corpo feminino é oferecido aos estrangeiros assim como a terra é tomada pelo colonizador. Quando Maria das Dores invade a margem exclusiva dos homens, ela reverte o processo de dominação, o que desperta fúria, indignação e estranhamento. Sua presença implica compartilhamento de espaços – até então exclusivos aos homens – e reconhecimento da figura feminina dentro da sociedade.

A mulher nua ocupa na beira do rio um trono de barro. Tão frágil quanto a sua posição solitária no meio social patriarcalista, mas, ao mesmo tempo, tão forte quanto a lama viscosa que gruda na pele. Sua localização permite que os demais enxerguem o seu interior de sofrimento e violência desencadeado tanto pelo homem africano quanto pelo português. Além de solitária, é estrangeira, exilada, aquela que veio para tirar a “paz” da comunidade.

Não se encaixa nas leis coloniais, mas também não é bem-vinda entre os seus. Não se familiariza nem com este nem com aquele mundo e seu deslocamento desencadeia vontades violentas na tentativa de moralizá-la e aniquilá-la em sua representação subversiva, causadora da desordem colonial. É como seus irmãos mestiços, filhos de sua mãe, negra africana, com o português Soares, os quais são brancos demais para serem considerados negros e negros demais para serem considerados brancos. Todos moçambicanos, vivendo no não lugar, buscando a identidade fragmentada e perdida em meio a tantos conflitos.

A louca do rio, a verdadeira heroína do dia, a portadora da voz da liberdade. Aquela que fora forjada pelas dores, que cruzou a fronteira dos montes Nampuli em busca de sua própria liberdade. Agora se torna a porta-voz das inúmeras mulheres africanas na busca da tão sonhada igualdade social. É uma inconformada, uma desassossegada. Em seu corpo as marcas de muitas mulheres: “doenças, mágoas, lágrimas. Sonhos derrubados, ansiedade, desespero” (Chiziane, 2008, p. 11). Trazia consigo a escrita do avesso, a que expõe a dura vivência feminina. Prossegue em sua trajetória de solidão e exílio na busca de seus filhos e, por conseguinte, de seu lugar dentro do mundo patriarcal.

No estudo em questão, o vocábulo exílio adquire a mesma carga semântica encontrada no texto de Said (2005), *Representações do intelectual*, quando o autor afirma que “o exilado vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece aqui e agora. Através dessa dupla perspectiva, ele nunca vê as coisas de maneira separada ou isolada” (Said, 2005, p. 67). Nesse sentido, a louca do rio é uma exilada dentro de seu próprio país, pois tudo que experienciara até ali, como a vivência com a mãe que sonhava com uma vida portuguesa, a fuga de seu marido violento, a caminhada pelos Montes Nampuli, a invasão da margem do rio Licungo, permitem-na conhecer as entranhas de seu país.

A fim de compreender o percurso de Maria das Dores, torna-se importante alguns apontamentos sobre sua trajetória. Destaca-se, primeiramente, a infância marcada pela distinção pejorativa estabelecida pela mãe entre a filha negra e a filha do homem português;



a maturidade própria dos adultos, antecipada pela rotina de estupro perpetrado pelo marido que adquirira a posse daquele corpo feminino em negociação com a própria mãe. Desse último episódio resulta a maternidade precoce e sofrida. Todos são elementos que, em conjunto, forjam a visão característica de exilada da personagem. Maria das Dores, assim como outras personagens de Paulina Chiziane, revela ao leitor, através da ficção, as variadas perspectivas com as quais se descontroem as verdades estabelecidas pelo centro europeu e pelo universo masculino.

A autora, através de Maria das Dores, expõe tais relações e, a partir da aparição da personagem na região da margem, desdobra o seu raciocínio sobre a situação da mulher que se encontra, na maior parte das vezes, em posição marginal na sociedade moçambicana. A margem do rio Licungo, no romance, pode ser lida, inicialmente, como o país de Moçambique considerado à margem da Europa, de acordo com a perspectiva assumida pelo colonizador. É deste lugar periférico que emerge a resistência às imposições do governo português na tentativa de garantir a preservação dos valores socioculturais autóctones, bem como o reconhecimento do país como nação produtora de conhecimento.

Paralelamente, a personagem, a considerada louca pelos que presenciam e testificam sua coragem ao invadir a margem exclusiva dos homens, demonstra que o mesmo processo desencadeado pelo colonizador é replicado pela sociedade patriarcal sobre a mulher moçambicana. Ao invés de se conformar com o lugar de anulação e silenciamento da figura feminina, Maria das Dores afronta o entorno social estabelecido, onde não há espaço para a mulher cidadã agente. Com seu olhar em amplitude e o sorriso nos lábios, indiferente aos impérios e ameaças que a cercam, ela se mantém sóbria e persistente na tarefa de reconquistar o espaço feminino.

No momento de sua aparição às margens do rio Licungo, Maria das Dores torna-se a representante da parte silenciada deste segmento. Ela resiste e reivindica o espaço da mulher na Moçambique fortemente influenciada pelos valores coloniais de maneira análoga a todos os moçambicanos que resistiram aos projetos colonizadores. Nesse sentido, Lélia Gonzalez (2020), embora se refira à mulher negra brasileira, enfatiza como o racismo silencia e exclui, especialmente, mulheres negras. Gonzalez (2020) é aqui interpretada nas ações de Maria das Dores, pois o sistema que exclui tanto a mulher negra moçambicana, quanto a mulher negra, embora distintos, possuem a mesma raiz excludente: a colonização e o racismo europeu português. Sendo assim, Gonzalez afirma:

[...] o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e seus valores (Gonzalez, 2020, p. 43-44).



A ficção de Paulina Chiziane faz o mundo feminino silenciado falar. Ela, por meio da escrita, requer o mesmo reconhecimento para a mulher moçambicana. Ao fazê-lo, a autora expõe as dúvidas e conflitos constantemente ignorados, mas pertinentes ao universo feminino nesse contexto de África. Fazendo parte dele, Chiziane entende que, quando em exposição, os conflitos femininos incomodam a quem se acostumou a não os enxergar. Dessa forma torna-se possível estabelecer a correspondência entre os projetos culturais que visavam à reformulação identitária do país como nação independente e a consolidação da presença da mulher moçambicana em seu país.

Entre as violências desencadeadas por Portugal contra Moçambique, destaca-se a ocorrida no campo linguístico. O país colonizador, movido por interesses econômicos, praticou nessa região africana a política de assimilação⁴. Para os portugueses era válido e legítimo o argumento de que era preciso estabelecer a comunicação a partir de uma língua europeia, como forma de levar civilização àqueles outros povos. Dessa forma, o império colonial consolidava seu domínio sobre Moçambique, além de se apropriar das riquezas naturais da região. Tornar a língua portuguesa como idioma oficial de povos dominados era o reconhecimento de êxito do projeto colonial. Afinal, as principais marcas da efetiva governança é a adoção da língua e da religião do país dominador pela nação dominada.

O fenômeno de imposição linguística não passou despercebido ao olhar perspicaz da contadeira de “estórias”, Paulina Chiziane. Despretensiosamente, como se estivesse em uma roda de conversas, contando casos que viu e ouviu durante a vida, a escritora vai fazendo seus apontamentos sobre os processos de dominação colonial que deixaram profundas marcas na vida e no imaginário do povo moçambicano.

A citação abaixo ilustra bem esse fazer literário da autora de *O alegre canto da perdiz*:

Quem não se ajoelha perante o poder do império não poderá ascender ao estatuto de cidadão. Se não conhece as palavras da nova fala jamais se poderá afirmar.

Vamos, jura por tudo, que não dirás mais uma palavra nessa língua bárbara. Jura, renuncia, mata tudo, para nascer outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagãos.

4 A assimilação ocorrida em Portugal foi construída dentro de um sistema jurídico. Foi uma legislação específica que permitiu que moçambicanos se tornassem os denominados “portugueses de segunda classe”, com acesso a bens e espaços antes permitidos apenas aos portugueses legítimos. Há que se ter um olhar cuidadoso para esta construção social, pois ela também pode ser tomada como um processo de sobrevivência e resistência, em que moçambicanos aderiam ao estatuto da assimilação, mas continuavam mantendo suas práticas religiosas e culturais.

- Eu juro – repetia.
- Juras abandonar essas crenças selvagens, a língua atrasada, e a vida bárbara?
- Sim, eu juro.
- Bom rapaz. Agora assina aqui (Chiziane, 2008, p. 78).

Ela descreve o momento em que José dos Montes, o esposo negro de Delfina, manipulado por ela, se rende à instituição de assimilação portuguesa. José dos Montes presta o juramento à Coroa portuguesa de abandonar sua crença e valores para seguir os desígnios de Portugal. Esta era uma das exigências contidas no Estatuto do Assimilado para que um moçambicano passasse a ser considerado um português de segunda categoria e assim ter direitos e benefícios semelhantes aos de um colono português.

É interessante observar como a cena foi montada: José dos Montes se encontra triste, desolado e incerto sobre sua decisão. Afinal, ele estava negando toda a sua cultura e a de seus familiares. Já o oficial português que conduz o juramento está bêbado, indiferente à violência que se processa contra o homem moçambicano e realiza o ato apenas como um protocolo exigido pelo estatuto. Não há a menor consideração por José enquanto ser humano ou quanto à dimensão dos valores e tradições culturais que ali estão sendo sepultados. Desta forma, Paulina Chiziane descreve nessa cena o que fora a assimilação portuguesa em Moçambique.

O fato de escritores africanos usarem a língua dos países dominantes durante séculos não significa que eles ainda estejam em posição de dominados, apenas replicando o que acontece nas antigas metrópoles. Eles usam a língua do colonizador, como forma de destituí-la do chamado centro do poder e pulverizar o seu uso entre todos. O sentido atual é que a língua, como instrumento de poder, define a escrita pós-colonial como forma de se apropriar da linguagem do centro e realocá-la em um discurso próprio do ex-colonizado que alcançou a independência e que agora fala por si próprio.

Que o leitor não se engane com a falsa despreensão do texto de Chiziane. Essa, se existe, é apenas superficial, em uma tentativa de seduzir o leitor e atraí-lo. À medida que se avança no texto, surgem metáforas e comparações que permitem relacionar o fato apresentado com elementos comuns à realidade do leitor.

Esta é uma das estratégias adotadas nas manifestações orais da língua, como as parábolas e os provérbios e é ferramenta fundamental em estruturas textuais e literárias que têm como um de seus objetivos a retomada da tradição oral das línguas autóctones. Sobre a prática da narrativa oral dentro da narrativa de Chiziane, Ana Mafalda Leite afirma: “Chiziane reinveste na sua prática narrativa a intencionalidade da prática da narração oral de contos e fábulas, formadores de valores éticos e comportamentais [...]” (Leite, 2013, p. 79). Assim,



Paulina Chiziane provoca no leitor sucessivos embates entre as concepções que ele detém sobre a realidade pautada na anulação feminina e as faces não percebidas da mesma realidade.

Perante o leitor, a escritora faz uma autópsia da sociedade e coloca como centro de sua escrita a figura feminina: mulher e nação, mulher e sociedade, mulher e língua, mulher e cultura tradicional, mulher e religião. Não como binarismos opositivos, mas como comunhão e em relação.

A existência e a resistência de um, atrelado ao outro e juntos na efetivação da crítica necessária para a busca de uma sociedade mais justa para os diversos gêneros e segmentos socioculturais. São as diversas vozes e representações presentes nas obras dessa autora ganhando voz por meio de sua escrita. Elas falando por e através de Paulina e todas se expressando como mulheres moçambicanas.

Ainda no romance *O alegre canto da perdiz*, destaca-se a seguinte passagem:

Pouco depois os marinheiros regressaram, arrasados por uma paixão dourada. Com canhões, espingardas, chicote e muito vinho, para fazer a limpeza da terra e entorpecer os incômodos. Tinham achado a terra prometida. Os navegadores correram de aldeia em aldeia, derramando sangue, profanando túmulos, pervertendo a história, fazendo o impensável. [...] Em nome desse amor se conheceram momentos de eterno tormento e as lágrimas tornaram-se um rio inesgotável no rosto das mulheres. As dores de parto se tornaram eternas, os filhos nasciam apenas para morrer, eram carne para canhão. O povo tentou, inutilmente, transformar os corações em pedra, para fugir à dor, à morte, à opressão (Chiziane, 2008, p. 41).

Chiziane recria a chegada dos portugueses, mas agora com o olhar oposto ao dos que chegam pelo mar. É a perspectiva de quem está no interior de Moçambique e que percebe que o doce e inebriante vinho português tornou-se poderosa arma de dominação, auxiliou os colonizadores no combate à resistência que se interpunha no caminho do “progresso” europeu.

Articulando poesia e sensibilidade, a autora traz os horrores da invasão colonial e os enfatiza por meio de metáforas e hipérboles cuja significação semiológica é a de um rio que nunca cessa de correr nos rostos das mulheres. Esses rios incessantes sulcam a face, inscrevendo na pele, como uma tatuagem, o sofrimento gerado pela violência colonial.

Os canhões que se alimentam de carnes humanas apontam sua mira em várias direções, sempre em busca de mais munição. Corpos femininos, virginais, infantis, masculinos. Todos eles realimentando continuamente os processos de escravização de pessoas, da prostituição infantil e feminina, além de se tornarem repositórios permanentes para o trabalho forçado e humilhante nas casas das senhoras portuguesas.



Um destaque que se faz na citação acima e que aparece com alguma frequência nas obras de Chiziane, é o uso da metáfora relacionando a região da Zambézia à mulher que se entregou ao forasteiro enganador e gerou filhos cujo parto se deu em meio a intensas dores que se eternizaram. A dor da dominação colonial é assemelhada à dor do parto, o que permite depreender que esta metáfora é confiada, principalmente às mulheres. Elas detêm a experiência do parto que lhes permite perceber a dor escrita no texto.

Logo, cabe-lhes dimensionar a dor da violência colonial que mutilou o país em todos os aspectos. Talvez a aproximação pela dor seja o fator preponderante para o afloramento da sensibilidade feminina que permeia os textos da autora, que imprime a denúncia em seus textos de maneira subversiva, o que contribui para a justificativa de que sua obra compõe. O olhar da mulher moçambicana sobre os fatos decorrentes da colonização, antes ignorado, faz emanar do interior das estruturas socioculturais, dilaceradas pelo colonialismo, as outras verdades e as espalha para o restante do mundo através do texto de autoria feminina.

Motivada pela dor que só as mulheres conhecem e pela sensibilidade que lhes é inerente, as narrativas da autora afetam o leitor com descrições que se aproximam de uma imagem fotográfica do sofrimento. Tal habilidade em descrever os fatos duros e difíceis de serem discutidos foi adquirida pela via do sofrimento e da anulação como mulher, o que concede à escritora a experiência de vivenciar sofrimentos e sobrepujá-los. Nesse caso, a via de escape é a escrita.

Poucas páginas à frente, Chiziane adiciona mais elementos e cores à fotografia que vem montando ao longo do romance sobre a colonização. Novamente fala sobre o alcoolismo como arma para debelar a resistência e, diferentemente do trecho anterior em que usa muito as metáforas, agora ela trabalha com os paradoxos sociais que foram o sustentáculo das práticas expansionistas imperiais.

A palavra civilização se materializa antagonicamente, através da violência. O cristianismo – a fé do império, aquela que, teoricamente, busca a pureza dos corpos, a irmandade e solidariedade das pessoas – se manifesta pela violência sexual e pelas relações consideradas imorais. A pacificação teria se realizado a partir da perspectiva do invasor que a implantou com a força da violência. Para o colonizador, tais atos jamais seriam considerados violentos, pois eles estavam legitimados pela pretensa superioridade portuguesa, pelos ideais portugueses de dominação pautados tanto nas práticas religiosas cristãs, quanto na atuação bélica e pelo distanciamento dos europeus em relação aos africanos.

A violência contra a mulher negra moçambicana desencadeada pelo colonizador branco português e, muitas vezes, e em sequência, pelo homem negro moçambicano, é alicerçada nos projetos coloniais de dominação, que também são refletidos na história do continente europeu. Ao se considerarem os fundadores do racionalismo e da ciência, os europeus se achavam legitimados a impor seus preceitos às demais nações, sem antes considerarem se elas necessitavam ou desejavam tais concepções.



Esta é a questão: o desrespeito pelas culturas autóctones e a certeza de que as nações do outro lado do Atlântico e nas Américas eram desprovidas de conhecimento, por não deterem as mesmas práticas europeias. A partir dessas convicções, originam-se os processos de dominação, imposição e sobreposições socioculturais.

Como já dito anteriormente, na escala social colonial, a mulher negra africana ocupava a posição mais inferior. Ela é tomada como objeto e moeda de troca pelo homem branco. Inferiorizada e humilhada pela mulher portuguesa que, por não aceitar os desejos sexuais do homem português pelas mulheres colonizadas, encontra na humilhação e exploração das africanas uma forma de se vingar das infidelidades conjugais de seu marido. E, por fim, ainda há a violência praticada pelo homem negro colonizado sobre as mulheres africanas como réplica da violência da dominação colonial que incide sobre eles conforme demonstram estas duas passagens do romance:

Declara-se uma guerra entre duas mulheres. Uma preta e uma branca. Que transformaram a arena do amor num campo de batalha.

Delfina entrou na guerra disposta a matar e a morrer. Colocou vários elementos no seu arsenal: mentira, chantagem, magia, truques velhos sempre renovados. Atrai o branco e entalou-o dentro de uma garrafa. Jura asfixiá-lo com amor e bruxarias. Jura também fazer tantos filhos, quantos a natureza permitir. Não vai largar, um só instante, a sua galinha dos ovos de ouro.

A esposa de Soares luta com as armas da honestidade. Faz greve de sexo: tenta impedir o envolvimento do marido nos braços cafrealizantes de uma negra. Pratica a clausura voluntária. Faz jejuns, rezas e acende muitas velas às santas imóveis de porcelana. Chora, barafusta (Chiziane, 2008, p. 147, grifos meus).

As mulheres negras se lançam à batalha, batem-se na rua, fazem desordem pública e acabam na polícia. As brancas assistem solenemente a devassidão dos homens seus homens (Chiziane, 2008, p. 160).

Os grifos nessa passagem do romance salientam as personalidades das duas personagens descritas pela autora. De um lado, Delfina: africana, negra sensual, que não se constrange em usar o sexo e as “bruxarias” para alcançar a tão sonhada ascensão social. Do outro, a portuguesa: esposa honesta, casta, religiosa, sofredora, frágil. Ao fazer a comparação entre as duas mulheres, Chiziane precisa da visão que prevalece e distingue as mulheres africanas e portuguesas. Em torno das mulheres portuguesas prevalecem as características que as referenciam como idôneas, justas, benfeitoras, caridosas e que cultivam a fé católica e seus dogmas. Todas essas qualificações são valorizadas e estimuladas pelo homem eurocêntrico como modelares e referenciais.



Já a personificação da mulher negra é constituída por palavras que a ligam diretamente ao misticismo e à enganação. Mulheres a quem os homens brancos portugueses só se prendem quando seduzidos por suas artimanhas e feitiços. Nenhuma referência a sentimentos e a valores considerados nobres. Elas, de acordo com o olhar colonial eurocêntrico, conseguem ser piores que o homem colonizado por deterem o poder da sedução e do sexo.

De acordo com a perspectiva colonial, são objetos de prazer, mentirosas, exuberantes, sedutoras, bruxas e usam os “frágeis” homens portugueses para ascenderem socialmente. Nenhuma referência aos estupros, violências físicas, miséria e abandono a que estão expostas diariamente e dos quais são vítimas: “A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder às mulheres” (Chiziane, 2008, p. 188).

A caracterização de Delfina, em comparação com a esposa portuguesa de Soares, se dá num tom de ironia bem construída. No fragmento acima, a autora, através do texto literário, denuncia a situação da mulher negra africana ao relacionar as duas categorias de mulheres. Ao, supostamente, tecer elogios à esposa de Soares, a escritora está demonstrando a injustiça e a crueldade da sociedade colonial. Uma outra perspectiva também pode ser tomada quanto à mulher portuguesa. A esposa de Soares aponta a situação da mulher portuguesa dentro da lógica colonial patriarcal: invisível, a ponto de o leitor não conhecer o seu nome. Para constituição de sua identidade, basta o nome do marido. Sem voz, sem nome, a ela é destinado o espaço doméstico circundado por um cenário de sofrimento, orações, reclusão e silenciamento.

Nesse contexto, torna-se conflitante falar sobre a solidariedade entre mulheres, a chamada sororidade. Delfina e a esposa de Soares, embora engendradas pela mesma situação de opressão feminina e estarem subjugadas por uma sociedade essencialmente patriarcal, elas estão irremediavelmente separadas pelas relações de preconceito racial, fomentadas pelo projeto colonial.

Paulina Chiziane inverte a prioridade de observação dessa estrutura social ao nomear a personagem negra moçambicana; enquanto se dirige à portuguesa apenas como a esposa de Soares. Outra observação que pode ser feita a partir desse fragmento é que a esposa de Soares é a verdadeira representação da mulher europeia, fruto de uma sociedade patriarcal: anulada, sem nome, sem referência própria, vivendo à sombra do esposo. A ela, resta apenas retornar à Europa e dar continuidade a sua vivência de europeia, cristã, dependente da figura masculina e sem expressão.

Delfina, personagem construída desde o início do romance, assim como as outras mulheres negras da obra, é identificada pelo seu primeiro nome. Isso significa que a ausência do sobrenome do marido, companheiro ou pai pode fazer referência à sociedade tradicional matriarcal, da qual todas são herdeiras.

As personagens negras do romance, apesar do sofrimento e agruras a que são expostas em toda a obra, se constituem como mulheres autônomas, protagonistas de suas ações.



Aquelas que desestabilizam e incomodam a sociedade patriarcal. Veja-se o episódio sobre a presença de Maria das Dores na margem exclusiva dos homens e a formulação da trajetória de Delfina. Esta, ao buscar sua ascensão social, demonstra-se incisiva, impetuosa, pois enfrenta as várias esferas patriarcais da sociedade colonial moçambicana: “Delfina vê em si uma heroína. Não encontra nenhum mal em todos os seus actos” (Chiziane, 2008, p. 185).

Delfina é uma das personagens mais complexas do romance. Ela se constitui como a anti-heroína cuja função é demonstrar como a colonização impõe sua dominação além dos territórios geográficos. Durante todo o tempo da narrativa, ela se encontra na fronteira dos dois mundos, o do colonizado e o do colonizador. Afronta os portugueses com sua impetuosidade, mas deseja o vinho e o bacalhau do colonizador. Ela acua a esposa de Soares, mas inveja seus cremes, suas roupas e a suposta civilidade que tais objetos representam.

Delfina também representa a figura da mulher e do homem moçambicanos assimilados: situados entre dois mundos. Nem completamente moçambicanos, pois vivem nos bairros portugueses e frequentam os mesmos ambientes destinados aos portugueses; nem completamente portugueses porque não abandonam sua língua e suas práticas religiosas. Ambos são considerados pelo colonizador como portugueses de segunda categoria. A região de fronteira habitada por eles é conflituosa, devido às dúvidas e à inconstância das relações estabelecidas nesse lugar.

Paulina Chiziane em *O alegre canto da perdiz* realiza o trabalho de mediadora da leitura de Moçambique que ela expõe e se opõe às graves relações que se instituíram entre a colonização portuguesa e a mulher negra moçambicana. Ela faz o lado silenciado do colonialismo falar. No contexto da obra, o lado silenciado é a mulher que resiste e provoca mudanças.

O estupro é mais uma prática recorrente que se abate sobre a mulher moçambicana. Ele é realizado tanto pelo colonizador atendendo o lema da colonização que legitima as ações violentas, que é o de espalhar o domínio português através da espada, da cruz e, preferencialmente, com o sexo. Com essa prática nefasta cria-se a figura do mestiço degenerado ao transformar o útero feminino em uma arma de branqueamento da raça. O vocábulo mestiço ganha duas interpretações distintas. A primeira se refere à sensualidade e à coisificação do corpo negro feminino, visto pelo colonizador como objeto nutridor do prazer, sem qualquer estreitamento de laços sentimentais e familiares.

Os portugueses usam as africanas moçambicanas para darem vazão aos seus instintos sexuais sob o pretexto de expandir a raça portuguesa, pois os filhos entre portugueses e africanas seriam o início do branqueamento e purificação do negro. Tal acepção produz a segunda interpretação do vocábulo mestiço que é de cunho racial: os filhos gerados entre as negras moçambicanas e os brancos portugueses.

Paulina Chiziane aponta a descrição do que será Moçambique ao final do romance: uma nação cuja identidade se fragmentou durante a assimilação cultural e social. Uma terra formada por vários povos, diversas nacionalidades e muitas margens. Ainda assim, a



mulher negra encontra-se em posição social inferior, pois o mestiço acaba sendo a representação da enganosa ascensão racial, quando o que se tem são frutos amargos da violência colonial. Todos embalados pela mesma dor.

Ao final da narrativa, Delfina reúne todos os filhos e netos em um abraço, personificando a junção harmoniosa entre passado e presente. Através de sua escrita Paulina Chiziane procura ser mais um elemento agregador nessa sonhada conciliação, confirmando com o gesto de Delfina que “no final desta guerra seremos um. Esses filhos metade pretos, metade brancos, metade asiáticos, serão os fósseis a partir dos quais se compreenderá a nossa história” (Chiziane, 2010, p. 346). Eis a Moçambique atual.

Considerações finais

O romance *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, descreve a trajetória de resistência das mulheres em Moçambique. Embora engendradas e gestadas em um ambiente de violência colonial e de gênero, elas permanecem buscando preservar e perpetuar conhecimentos e sabedorias ancestrais.

Entre tais conhecimentos e sabedorias, destaca-se a permanência da oralidade por meio da qual são repassados valores, crenças e ciências de uma dada comunidade. Outro destaque nesse campo da resistência, encontram-se algumas práticas sociais, históricas e religiosas. Delfina é a mulher negra moçambicana que concebe como única forma de ascender social e economicamente, o casamento com um homem branco português. De acordo com essa personagem, tal homem seria o passaporte para uma vida segura, demonstrando a representação do discurso colonial incidido sobre a população moçambicana.

Nesse mesmo eixo, encontra-se a personagem esposa do Soares. Sua invisibilidade representada pela ausência de seu nome próprio. Sua existência se dá à sombra da existência e do nome do marido, traçando um desenho social da mulher europeia construída em valores coloniais patriarcais.

No que se refere à preservação e resistência de valores e culturas em Moçambique, cita-se a prática do lobolo, o qual vem sendo adulterado por famílias que colocam como ponto central de tal prática o lucro monetário.

Em busca da renovação dos costumes, muitas mulheres vêm auxiliando seus companheiros na aquisição do dote a ser entregue na cerimônia, como descreve Paulo Granjo em “O lobolo do meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais” (2004). Paulina Chiziane em entrevista à Rosália Diogo (2013), enfatiza que a prática do lobolo é, acima de tudo, uma cerimônia religiosa para união dos espíritos das duas famílias envolvidas no matrimônio. Desta feita, Chiziane afirma que, como atitude de resistência, boa parte das mulheres moçambicanas não desejam romper com as tradições, mas reformulá-las de maneira que a segurança da mulher seja mantida e os costumes preservados.



Não se pode desconsiderar que, atualmente, há em Moçambique escritoras que adotam outro posicionamento e defendem a ruptura com algumas instituições tradicionais e se assumem como feministas perante essas causas.

Ainda sobre o episódio da louca do rio, percebe-se a trajetória da mulher de Moçambique que é marcada pela violência colonial e a violência de gênero. Maria das Dores, com seu sorriso e nudez demonstram o conflito instaurado pela afronta de invadir a margem exclusiva dos homens, ao mesmo tempo que denota o ato de resistência na preservação de valores, crenças, além de despertar o pensamento crítico e reflexivo para a condição feminina naquele país.



Referências

- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Alfragide: Editorial Caminho, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. Reynaldo Bairão. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1992.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria do C. Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do C. Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GRANJO, Paulo. O lobolo de meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais. **Travessias – Revista de ciências sociais e humanas em língua portuguesa**, n. 4, p. 47-78, 2004.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades escritas pós-coloniais**. Lisboa: Edição Fernando Mão de Ferro, 2013.
- SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. **Paulina Chiziane**: vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013.

